

PIRACEMA

Boletim da Assessoria Técnica Independente das Regiões 4 e 5 | Dezembro de 2024 | nº 14

- Quilombo Saco Barreiro lança seu Protocolo de Consulta
- Jubileu movimenta a cidade de Felixlândia





LOGOS DAS COMISSÕES: UM PROCESSO COLABORATIVO

Após um ciclo de oficinas internas, as equipes do Guaicuy trabalharam lado a lado com as Comissões de pessoas atingidas na criação de seus logotipos. Os encontros combinaram teoria e prática, abordando conceitos técnicos de design, uso de ferramentas digitais e exercícios de criação.

Esse trabalho proporcionou que os elementos mais importantes para as Comissões ganhassem destaque nas imagens produzidas. Cada logotipo representa a história das pessoas e de seus territórios, ajudando na visibilidade das comunidades e das especificidades da luta em cada uma delas.



Errata

Na **página 3** do Piracema nº 13, foi publicada uma fotografia equivocada. A imagem retrata Zelma Gonçalves da Silva, que vive na comunidade. Mas a fotografia correta deveria retratar Dara e Joala (ao lado), que foram entrevistadas e contaram sobre as vestimentas ciganas.

Na **página 6**, a localização da Ilha da Catuaba está errada no mapa. A comunidade se localiza no Rio São Francisco, e não na Represa de Três Marias.



JORNALISTA RESPONSÁVEL: Mathias Botelho MTB 10126/PR | **TEXTOS JORNALÍSTICOS:** Laura de Las Casas, Laura Garcia e Natália Ferraz | **DIAGRAMAÇÃO:** Matheus Ferreira | **REVISÃO:** Joana Tavares, Mathias Botelho e Natália Ferraz | **COORDENAÇÃO DA COMUNICAÇÃO DA ATI PARAPEBA:** Joana Tavares | **FOTOGRAFIA DA CAPA:** Gia Dias

Instituto Guaicuy: Rua Brasópolis, 109 - Floresta, Belo Horizonte | CEP: 30150-170 | (31) 3024-9460
 Contato para pessoas atingidas: (31) 97102-5001 | contato@guaicuy.org.br
 LEIA TAMBÉM PELA INTERNET: www.guaicuy.org.br | [f/institutoguaicuy](https://www.facebook.com/institutoguaicuy) | [@institutoguaicuy](https://www.instagram.com/institutoguaicuy)



Foto: Daniela Paoliello / Acervo Guaicuy

SACO BARREIRO: ONDE A UNIÃO FAZ A FORÇA

“Surgimos da resistência, da esperança que florescia, brotamos nessa terra e a ela pertencemos”*

O cheiro bom da panela cheia de caldo e o barulho das crianças brincando por entre fotos, luzes, mesas e cadeiras era o cenário de um momento inesquecível para a população do Quilombo Saco Barreiro, em Pompéu. Em uma bonita noite de inverno, em agosto, era celebrado o lançamento do Protocolo de Consulta Livre, Prévia e Informada da comunidade, um marco na luta de um povo negro, escravizado no passado, que construiu neste território seu lugar de liberdade.

O Quilombo Saco Barreiro foi certificado pela Fundação Palmares em 2008, mas cultivava uma história antiga, vinda de Agenor e Joana Almeida, casal que fundou oficialmente o quilombo. Entre pequizeiros, jatobás e passarinhos, formaram ali, no meio do cerrado, uma família de dez filhos, e deram início a uma série de gerações que hoje compõem a comunidade.

O Quilombo Saco Barreiro tem o direito garantido em lei de ser consultado caso qualquer ator externo tenha interesse de realizar alguma atividade que possa impactar seus modos de vida. A Constituição Brasileira garante que eles devem viver conforme seus usos, seus costumes, suas crenças e suas tradições.

Protocolo de Consulta

Uma das maneiras de assegurar esse direito é construindo um Protocolo de Consulta. Trata-se de um documento contendo as regras do que é necessário garantir para uma consulta adequada antes de ações administrativas, legislativas ou de qualquer ordem no território.

No Saco Barreiro, o processo para a elaboração desse documento começou em 2022. Entre as ações

para garantir a participação informada da comunidade no processo de reparação dos danos causados pela Vale, o Instituto Guaicuy começou a dialogar com as pessoas sobre a possibilidade delas terem seu próprio protocolo. Com o objetivo de instrumentalizar a luta por direitos, os quilombolas do Saco Barreiro decidiram seguir em frente e pensar juntos qual seria a forma e as condições para serem consultados.

Foram feitas diversas reuniões para colher as informações importantes para o documento, além de atividades envolvendo diferentes profissionais do Guaicuy. O resultado dessa junção de forças foi a criação de um Protocolo de Consulta que registra a memória do Quilombo Saco Barreiro, reafirma os direitos a serem respeitados e detalha a maneira como a comunidade reivindica ser tratada quando preciso for.

O documento é mais um motivo de celebração e o lançamento não poderia ter acontecido de forma diferente: as pessoas mais velhas ocuparam a mesa de lançamento enquanto as mais novas brincavam livres pelos quintais. Um encontro de alegria, reconhecimento e festejo entre gerações.

O Protocolo é um direito assegurado pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e vigente no Brasil desde 2004, quando foi promulgado e ganhou força de lei.



Aponte a câmera para o código e acesse o Protocolo



*Trecho do Protocolo de Consulta do Quilombo Saco Barreiro



Mãe Alessandra
(de turbante preto
e branco) em uma
reunião da Comissão
Guiados pelo Axé

4 ENTREVISTA

ENTREVISTA

A FÉ E A TERRA NÃO COSTUMAM FALHAR

“O chão, o solo, a terra.. eles são que nem uma veia, que percorre o corpo inteiro. Mas em vez do corpo, eles percorrem o mundo. É por isso que a natureza é da maior importância”

A fala poética de Mãe Alessandra descreve sua relação com as plantas e com tudo que é vivo ao redor. Aos 57 anos, a mãe de santo e cozinheira vive em Morada Nova de Minas, depois de passar a infância entre Belo Horizonte, onde nasceu, e os interiores, principalmente na casa de seus pais, em Vau das Flores, em Morada Nova de Minas.

As lembranças dessa época, durante a infância e a juventude, ocupam a cabeça de Mãe Alessandra em um lugar de memórias felizes. Os tempos pareciam outros: um lugar sem luz elétrica, iluminado pelas

“A GENTE DESENTERROU A FESTA DE NOSSA SENHORA APARECIDA. CONSIGO OUVIR O BARULHO DA SANFONA ATÉ HOJE AQUI NA MINHA ORELHA. ERA BOM DEMAIS!”

estrelas, onde se tomava banho de caneca e as travessias entre uma casa e outra, durante a noite, eram feitas com pequenas lanternas. Também tinha uma relação forte com a Represa de Três Marias, onde todo mundo se refrescava, pescava e lavava as roupas.

“Aprendi a nadar na represa. Ficava no fundo da nossa casa. Eu ia lavar roupa com minha mãe e aproveitava para mergulhar. Cada dia eu conseguia ir um pouquinho mais longe e, assim, uma vez cruzei a represa de fora a fora”, relembra. Além dos refrescos nas águas vindas dos Rios Paraopeba e São Francisco, Mãe Alessandra também sente saudade dos festejos da igreja. “A gente desenterrou a festa de Nossa Senhora Aparecida. Consigo ouvir o barulho da sanfona até hoje aqui na minha orelha. Era bom demais!”, conta. Ela também lembra de quando chegou a luz em Vau das Flores. “Meu pai olhou para aquilo acontecendo e disse: esse lugar aqui nunca mais vai ser o mesmo, porque agora tem tecnologia. Espero que o encanto não se perca”, disse.

O vínculo com a região levou Mãe Alessandra a escolher Morada Nova de Minas como lugar para construir sua vida, após dois casamentos e três filhos criados. Além de ser dona de um bar na cidade e trabalhar como cozinheira para vários eventos, ela se dedica aos cuidados com a terra. Hoje em dia, em um rancho arrendado onde mora com o marido, as plantas são suas verdadeiras companheiras. É ali onde ela cultiva sua fé. “Fui criada em uma família espírita e até já segui um tempo a religião evangélica. Mas fiz o santo no candomblé e hoje sou mãe de santo em uma casa de umbanda. Para mim, a cultura pode ser diferente, mas a crença, o Deus, é um só. Tudo flui para esse mesmo lugar”, diz.

As ervas medicinais são aliadas de Mãe Alessandra há muito tempo, mas se tornaram ainda mais presentes após o diagnóstico de câncer de mama, há três anos. Essa situação fez com que ela buscasse força em seus guias espirituais e nos poderes da terra. “Foi difícil. Envelheci muito nesse tempo de tratamento, mas o movimento do corpo e da mente, a firmeza na cura, fazem com que a gente acredite mais na vida”, relembra. Para reforçar a quimioterapia, ela se agarrou aos poderes do pariri, erva medicinal que aumenta a imunidade, assim como o açafraão, a graveola e o orapronobis. “Quando preciso ficar mais forte, eu tomo pariri como se fosse água. Mas tem que acreditar, porque se não, não funciona”, conta.

“IMAGINE SÓ NÃO TER CORAGEM MAIS DE USAR A ÁGUA DA REPRESA PARA OS CUIDADOS COM O QUINTAL, PARA OS NOSSOS RITUAIS, QUE SÃO O QUE TEMOS DE MAIS SAGRADO? NÃO EXISTE DINHEIRO QUE SEJA CAPAZ DE SUPRIR A FALTA DE UM RIO E DE UMA REPRESA LIMPOS”

Para além das ervas, Mãe Alessandra também se encanta pelas samambaias. Tamanha exuberância e grandeza dessa espécie chamam a atenção da mãe de santo, que faz questão de preencher seu quintal com várias delas. “É a minha paixão”, ressalta.



Mãe Alessandra e Pai Adelson

O cultivo das hortas e dos jardins ensinou Mãe Alessandra mais do que qualquer escola. “Além de nos nutrir e cuidar, as plantas também nos fazem aprender sobre o tempo, sobre ser comunidade, sobre só existir porque outras espécies existem”, analisa. Esse tipo de ensinamento ela leva para o terreiro do qual faz parte, chamado Morada da Vovó Cambina. Ali, atende com frequência pessoas em busca de aconselhamentos espirituais. “Fiz meu santo há 25 anos e hoje em dia me viro aqui entre meu trabalho e as demandas do terreiro. É muita responsabilidade, mas me sinto bem criando esse vínculo de comunidade, onde existe escuta, fé e generosidade”, diz. “A vida não faz sentido sem isso”, complementa.

O rompimento da barragem da Vale, em Brumadinho, afetou a dinâmica de Mãe Alessandra, uma pessoa conectada de forma visceral com a natureza. “Imagine só não ter coragem mais de usar a água da represa para os cuidados com o quintal, para os nossos rituais, que são o que temos de mais sagrado? Não existe dinheiro que seja capaz de suprir a falta de um rio e de uma represa limpos”, diz. Enquanto luta pela reparação dos danos causados pela mineradora-ré, Mãe Alessandra volta para seu quintal e seu terreiro, mantendo sua terra fértil e acreditando em dias melhores: “a minha fé e minha terra me sustentam, e assim eu vou até o fim”.

HISTÓRIA DE LUTAS: PROJETOS DE ASSENTAMENTO QUEIMA FOGO E CHÁCARA CHÓRIUS

0 | CONHECENDO O TERRITÓRIO



Foto: Paulo Marques / Acervo Guaicury

Foto: Daniela Paoliello / Acervo Guaicury

Localizados na zona rural de Pompéu, os Projetos de Assentamento (PAs) **Queima Fogo** e **Chácara Chórius** foram fundados no loteamento de grandes fazendas, destinadas à reforma agrária nas décadas de 1990 e 2000. Juntas, as duas comunidades concentram aproximadamente 90 residências e cerca de 400 pessoas.

A ocupação da terra e a reivindicação da reforma agrária ocorreram após denúncias de que as fazendas eram improdutivas e de que alguns sócios poderiam estar envolvidos em questões de corrupção. As famílias assentadas logo se depararam com a dificuldade de acesso à água, apesar da proximidade da margem do Rio Paraopeba.

Após o rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, a situação piorou. A população perdeu a possibilidade de usar a água do Rio, e muitas pessoas perderam suas criações e hortas, além do lazer. A mineradora tomou responsabilidade pela conclusão das obras de encanamento a partir dos poços artesianos, mas além da demora para a conclusão do projeto, que ainda não foi entregue, os custos com energia elétrica preocupam a população, como conta Erliete Rocha, da Comissão Assentamentos.

Moradora do PA Queima Fogo, Erliete chegou à comunidade em 2007, com o marido e os cinco filhos. Primeiro habitaram uma área coletiva, até o sorteio dos lotes entre as famílias. Hoje, moram na casa que construíram, mas quatro dos cinco filhos foram embora depois do rompimento, atrás de trabalho nas cidades próximas. Ela conta que cada etapa da vida no assentamento é uma luta, mas que “todo mundo está aqui por um sonho, de ter uma vidinha tranquila na roça”, diz.

Dada a proximidade geográfica e pelo histórico de lutas, os PAs Chácara Chórius e o Queima Fogo são representados pela Comissão Assentamentos no processo de reparação dos danos causados pelo desastre-crime da Vale. A Comissão é composta por membros eleitos das duas comunidades.

**“TODO MUNDO ESTÁ
AQUI POR UM SONHO,
DE TER UMA VIDINHA
TRANQUILA NA ROÇA”**

Erliete Rocha, da Comissão Assentamentos

FESTA DE AGOSTO DÉCADAS DO JUBILEU DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE EM FELIXLÂNDIA

Foto: João Carvalho / Acervo Guaicuy

O Jubileu de Nossa Senhora da Piedade é a maior festa religiosa de Felixlândia, e os devotos e devotas da região aguardam ansiosamente pelo evento todos os anos. Também chamado de Festa de Agosto, o Jubileu dedica os primeiros 15 dias do mês a novenas para Nossa Senhora, com celebração de missas e ampla participação da comunidade. Pessoas de diversas idades trabalham voluntariamente em todas as funções necessárias para a realização do festejo, desde os carros de bois até a decoração do santuário.

A romaria aconteceu, em número reduzido, até na pandemia. Em 2024, participaram centenas de pessoas. A Festa de Agosto é realizada há mais de 150 anos e se tornou Jubileu há 62. Tanto a festa quanto o santuário e a imagem da Nossa Senhora da Piedade são tombadas pela prefeitura de Felixlândia como patrimônios culturais do município.

História do Jubileu se confunde com a da cidade

O município de Felixlândia foi emancipado em 1948, recebendo esse nome em homenagem ao padre Félix Ferreira da Rocha, que fundou a capela de Nossa Senhora da Piedade ainda no século XIX, quando a região era um distrito de Curvelo, chamado Piedade do Bagre. Transformada em santuário, a igreja é famosa por abrigar, desde 1962, a escultura da padroeira da cidade, atribuída ao artista Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Segundo Dona Maria Raimunda, que participa do festejo desde criança, “o pessoal da comunidade fala que o aparecimento da imagem é milagre”.

Caminhada de fé

Romeiros e romeiras das comunidades ao redor mantêm viva a tradição de atravessar a noite em caminhada até o Santuário para dar graças à padroeira. Saem de localidades como Várzea do Buriti, Campina Grande, Riachão, Lagoa do Meio, Tronco, entre muitas outras. “Um vai ajudando o outro na estrada e é maravilhoso demais. Quando você está chegando na cidade e você começa a ver a torre do Santuário, é difícil não se emocionar. É raridade alguém que não chora”, afirma Wemerson Ribeiro Leite.



Foto: João Carvalho / Acervo Guaicuy



Aponte a câmera para o código e assista ao documentário do Guaicuy sobre o Jubileu de Felixlândia



SAIBA COMO CONTRATAR UM ADVOGADO COM SEGURANÇA

Você é uma pessoa atingida pelo desastre-crime da Vale e optou por contratar um advogado para buscar seus direitos de maneira individual. Conheça quais passos seguir para evitar cair em golpes e contratar um bom profissional.



1

Pesquise e busque um advogado de confiança. Se um profissional te procurar e fizer promessas de ganhos, você pode denunciá-lo na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) do seu estado ou município, pois a captação de clientes é proibida pelo Código de Ética da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e pelo Estatuto da Advocacia.



2

Confira se o profissional realmente é advogado. Para exercer a profissão, não basta ser formado em Direito, mas também ter registro ativo na OAB. Faça uma pesquisa no Cadastro Nacional dos Advogados utilizando o nome completo ou o número da OAB.
Acesse: cna.oab.org.br

3

Converse sobre o processo. É dever do advogado explicar tudo de maneira honesta e detalhada: como será a sua participação, quais são os custos do trabalho dele e do processo e quais são os riscos envolvidos, pois o ganho da causa não é garantido.



4

Chegou a hora de assinar documentos! O contrato de prestação de serviço precisa conter tudo que foi combinado e também será necessária uma procuração para que o advogado atue. Caso você não tenha condições financeiras, existe também a declaração de hipossuficiência, que serve para solicitar que você não pague os custos se perder a ação. Esse pedido pode ser aceito ou negado.



5

Solicite e guarde com cuidado uma segunda via de todos os documentos. Isso é importante para comprovar quais combinados foram feitos entre você e o advogado e te resguardar caso aconteça algum problema.

